

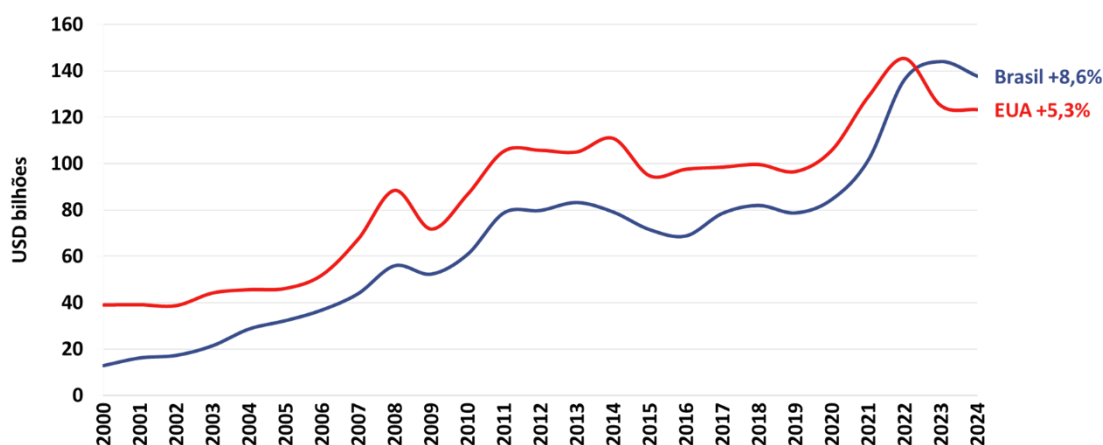
BRASIL TORNA-SE O MAIOR PAÍS EXPORTADOR DE COMMODITIES DO AGRO NO MUNDO

Levantamento do Insper Agro Global mostra que, a partir de 2023, o Brasil tornou-se o maior país exportador de commodities agropecuárias e agroindustriais, ultrapassando os EUA. Porém, ainda está longe de alcançar os norte-americanos nas exportações totais do agronegócio, por conta do valor 7,5 vezes maior obtido por aquele país nas especialidades de alto valor adicionado.

Victor M. Cardoso¹
Leandro Gilio²
Marcos S. Jank³
Lirya Piolfi⁴

O agronegócio brasileiro vem expandindo suas exportações de produtos agropecuários de forma acelerada nos últimos anos, principalmente após eventos como a guerra comercial entre a China e os EUA, a pandemia da covid-19 e a eclosão da guerra entre a Rússia e a Ucrânia. Em diversas commodities como soja, algodão, carne bovina, suco de laranja, entre outras do agro, já é o maior país exportador do mundo, considerando apenas países, e não blocos econômicos como a União Europeia. Nessa categoria, desde 2023 o Brasil superou os EUA, seu maior concorrente no comércio internacional de alimentos.

Figura 1: Exportações de commodities do agronegócio dos EUA e do Brasil, em bilhões de dólares correntes e crescimento médio (% a.a), entre 2000 e 2024.



Fonte: elaborado pelo Insper Agro Global com base nos dados do Trade Data Monitor (2024).

Partindo da classificação de produtos do agronegócio do departamento de agricultura dos EUA (USDA)⁵ – que diverge em alguns produtos da classificação utilizada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) –, e

¹ Pesquisador do Insper Agro Global

² Professor e pesquisador do Insper Agro Global

³ Professor Sênior do Insper e Coordenador do Insper Agro Global

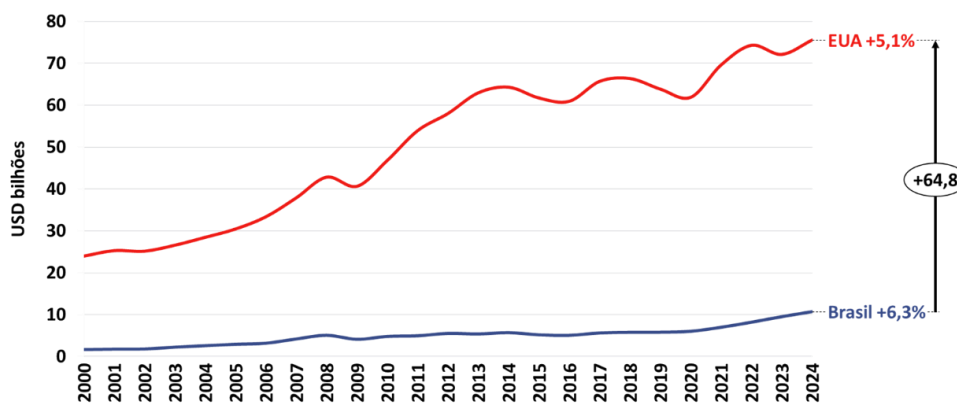
⁴ Assistente de Pesquisa do Insper Agro Global

⁵ Definição de agronegócio segundo o USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos). Disponível em: <<https://apps.fas.usda.gov/gats/default.aspx>> Acesso em 11 de fevereiro de 2025. O presente estudo opta por tal classificação de produtos do agronegócio para facilitar a comparação entre dados internacionais.

considerando apenas os produtos classificados como commodities agropecuárias e agroindustriais (commodities do agro)⁶, as exportações brasileiras atingiram US\$ 137,7 bilhões em 2024. O montante posicionou o Brasil como o maior fornecedor mundial dessa classe de produtos, superando os americanos em US\$ 14,4 bilhões no mesmo ano. As exportações do complexo soja e de milho pesaram contra o agronegócio americano, uma vez que condições climáticas adversas afetaram a produção americana, diminuindo os embarques dos EUA dessas commodities a um nível inferior ao de 2022. Enquanto essas exportações americanas recuaram 14%, as brasileiras expandiram em 5,7% entre 2022 e 2023, resultado de duas safras recorde de grãos subsequentes no período. Já em 2024, tanto as exportações americanas quanto as do brasileiras registraram queda nessa classe de produtos.

Contudo, ao se avaliar a pauta exportadora de especialidades do agronegócio⁷, como frutas, vegetais, alimentos preparados, vinhos e cervejas, entre outros produtos de maior valor adicionado e diferenciação, o Brasil ainda está muito distante do seu concorrente. Em 2024, os EUA exportaram US\$ 75,5 bilhões desses produtos, enquanto o Brasil vendeu para o exterior apenas US\$ 10,7 bilhões, um valor bem abaixo do que o exportado pelos americanos. Além disso, o peso das especialidades nas exportações totais do agronegócio americano é significativo, representando aproximadamente 38%, enquanto no Brasil essa parcela é de apenas 7% no mesmo ano.

Figura 2: Exportações de especialidades do agronegócio⁷ de maior valor adicionado dos EUA e do Brasil, em bilhões de dólares correntes e em crescimento médio (% a.a), entre 2000 e 2024.



⁶ São considerados nesse cálculo de valor exportado os produtos classificados nesse presente estudo como “**commodities agropecuárias e agroindustriais (commodities do agro)**”: Carne bovina e produtos da carne bovina, Biodiesel e misturas, Grãos grossos (exceto milho), cacau, Café (torrado e extratos), Café (não torrado), Milho, Algodão, Manteiga, Leite, Leite em pó, Ovos e produtos, Etanol, Produtos florestais (madeira), Couros e peles, Produtos de carne, Farelo/Torta de oleaginosas, Suco de laranja, Outras commodities a granel, Outras commodities a granel (fibras), Óleo de palma, Carne suína, Carne de aves (exceto ovos), Leguminosas, Colza, Arroz, Farelo de soja, Óleo de soja, Soja (em grão), Açúcares e adoçantes, Girassol, Tabaco, Nozes, Óleos vegetais e Trigo. Essa classificação foi realizada por pesquisadores do Insper Agro Global, seguindo critérios de mercado.

⁷ São considerados nesse cálculo de valor exportado os produtos classificados nesse presente estudo como “**especialidades do agronegócio**”: Gorduras animais, Chocolate e produtos de cacau, Óleo de coco, Condimentos e molhos, Óleo de milho, Queijo, Leite condensado, Sorvete, Creme de leite, Substâncias proteicas, Soro de leite, logurte e manteiga, Outros laticínios, Destilados, Grãos de destilaria, Alimentos para cães e gatos, Óleos essenciais, Rações, Pescados, Alimentos e bebidas preparados, Frutas, Vegetais, Sucos de frutas e vegetais, Feno, Animais vivos, Bebidas não alcoólicas (ex. sucos, café, chá), Produtos de viveiro e flores cortadas, Óleos vegetais, Azeites, Outros produtos intermediários, Amendoins, Sementes para plantio, Óleo de colza, Farelo de colza, Borracha e gomas aliadas, Snack Foods, Especiarias, Farelo de girassol, Óleo de girassol, Chás e Vinhos e cervejas. Essa classificação foi realizada por pesquisadores do Insper Agro Global, seguindo critérios de mercado.

Fonte: elaborado pelo Insper Agro Global com base nos dados do Trade Data Monitor (2024).

Esses resultados refletem as diferentes trajetórias trilhadas pelos dois países, que apresentam estratégias divergentes e impactos distintos no comércio global. Os EUA priorizaram a pesquisa e desenvolvimento na infraestrutura industrial, com o fomento da marca de seus produtos, permitindo a transformação de commodities agrícolas em produtos de alto valor agregado, como alimentos processados. Isso garantiu ao país maior receita e uma posição estratégica nos mercados globais.

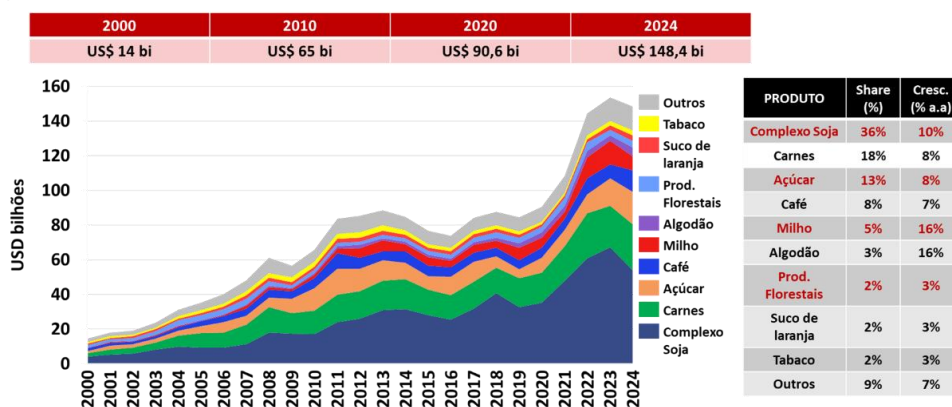
Por outro lado, fatores como a vasta disponibilidade de recursos naturais, aumento da produtividade, diversificação de culturas e crescente adoção de práticas tecnológicas inovadoras posicionaram o Brasil como um forte *player* nas exportações de produtos mais brutos e de menor valor adicionado. A alta produtividade da agricultura brasileira, aliada a investimentos contínuos no setor, sugere que esse crescimento não é conjuntural, mas uma conquista de longo prazo.

1. Exportações dos agronegócios americano e brasileiro

As pautas agroexportadoras dos EUA e do Brasil são similares quando consideramos a seção de maior representatividade, tanto em produtos quanto em destinos. No entanto, a diversificação é um aspecto que faz os países se diferenciarem entre si, definindo a forma como eles se posicionam no mercado internacional de itens agropecuários e seus processados. Assim como o Brasil, os EUA são um grande exportador de soja, milho, carnes e algodão, mas conseguem diversificar melhor suas mercadorias e destinos por meio de uma variedade maior de produtos e parceiros comerciais.

As exportações totais do agronegócio brasileiro atingiram US\$ 148,4 bilhões em 2024 – considerando a classificação de agronegócio da USDA⁵ -, consolidando o país como terceiro maior exportador de produtos agro do mundo, atrás da União Europeia e dos EUA. Esse desempenho foi impulsionado principalmente pelo crescimento nos embarques do complexo soja, carnes (bovina, suína e de aves), açúcar, milho, café.

Figura 3: Exportações do agronegócio brasileiro, em bilhões de dólares correntes, em porcentagem do valor total e em crescimento médio (% a.a), entre 2000 e 2024.

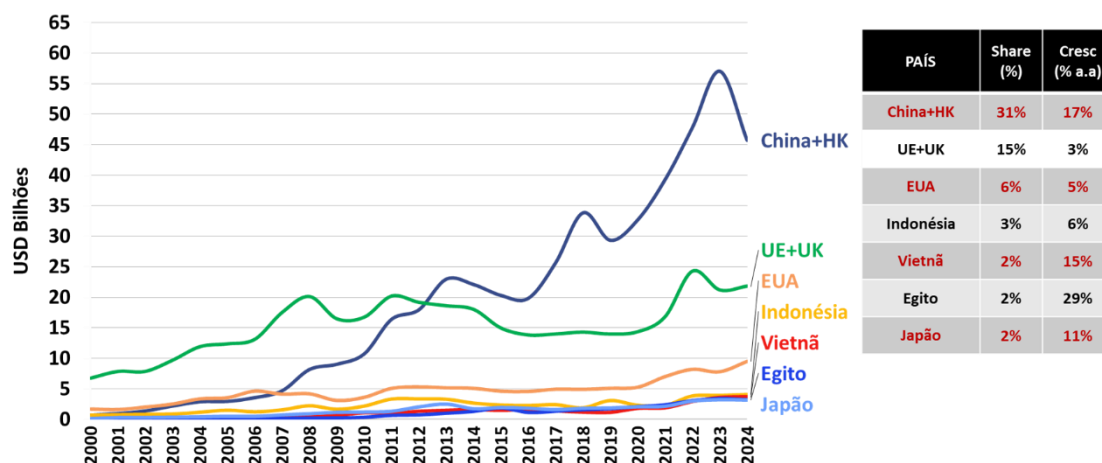


Fonte: elaborado pelo Insper Agro Global com base nos dados do Trade Data Monitor (2024).

Nota: crescimento médio anual das exportações de milho foi calculado a partir do ano 2001, enquanto o restante desde o ano 2000.

A análise dos dados de comércio do setor mostra uma alta concentração tanto em produtos quanto em mercados de destino. Apenas o complexo soja e as carnes correspondem a 54% das exportações do agronegócio brasileiro, como ilustrado na figura 3. Recentemente, milho e açúcar também têm ganhado pesos no total exportado, respondendo em conjunto por 13% das exportações totais do agro brasileiro. Quanto aos destinos desses produtos, China e outros países asiáticos absorvem aproximadamente metade das exportações agropecuárias do Brasil.

Figura 4: Maiores Destinos das Exportações do Agronegócio brasileiro, em bilhões de dólares correntes e em crescimento médio (% a.a), entre 2000 e 2024.



Fonte: elaborado pelo Insper Agro Global com base nos dados do Trade Data Monitor (2024).

Nota: crescimento médio anual das exportações para o Vietnã foi calculado a partir do ano 2001, enquanto o restante a partir do ano 2000.

Apesar da alta concentração em poucos produtos e destinos, a estratégia brasileira tem obtido resultados muito positivos na balança comercial do agronegócio. Além de liderar o *market share* mundial das principais commodities agropecuárias exportadas, como os produtos do complexo soja, carne bovina, algodão, açúcar, café, suco de laranja e carne de frango, entre outras, as exportações de itens agropecuários processados também têm crescido a um ritmo médio anual de 8,4%, superando seus principais concorrentes, como os EUA (+ 5,4% a.a) e a União Europeia (+ 6,1% a.a) – veja mais sobre em [estudo publicado pelo Insper Agro Global](#).

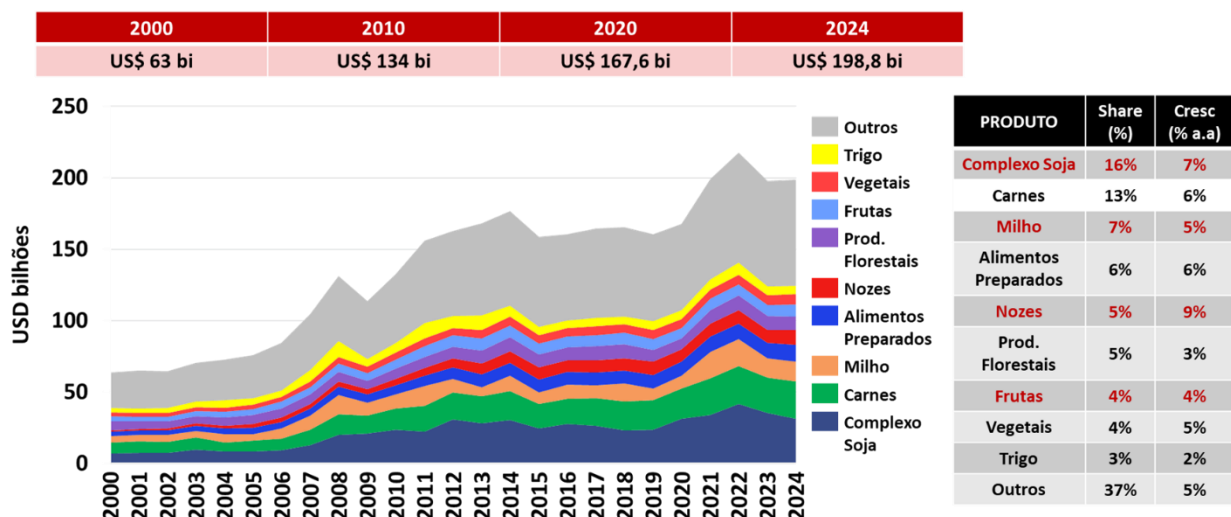
Os fatores que vêm impulsionando a transformação do agronegócio brasileiro são diversos. Os avanços na pesquisa agrícola, que elevaram a produtividade, a ampliação da área de terras aráveis, investimentos significativos em tecnologias de produção para desenvolver novas variedades de culturas e forragens, além do crescimento da demanda global por alimentos e ração animal, foram essenciais para o crescimento dos embarques do setor. Destaca-se, em particular, a capacidade do Brasil de realizar duas a três colheitas anuais na mesma área de terra, diferenciando-o de outros grandes produtores de grãos e soja. Outros fatores relevantes foram as políticas voltadas ao setor, períodos prolongados de desvalorização do real, incentivos agrícolas direcionados a culturas específicas e melhorias nos controles sanitários.

Os EUA também são um grande exportador agrícola, particularmente de grãos alimentícios, sementes oleaginosas e carnes, mas também grande importador de

muitos produtos de maior valor agregado. O total das exportações do agronegócio americano atingiu US\$ 198,8 bilhões em 2024, um pequeno aumento de 0,9% em relação ao ano anterior. Como exposto na figura 5, a cesta de produtos exportados pelo agronegócio americano não difere significativamente da do Brasil. Entretanto, encontra-se uma presença maior de especialidades de maior valor adicionado e uma maior diversificação das vendas de itens agropecuários e seus processados.

Alimentos preparados, frutas e vegetais são produtos que fazem parte da cesta de especialidades inicialmente mencionada no estudo e que diferem essencialmente o agronegócio brasileiro do norte-americano. Nota-se que, somados, esses três produtos compõem 14% do valor total exportado, uma fatia relevante e indispensável, uma vez que foram um dos poucos produtos americanos que não apresentaram nenhuma queda nas exportações nos anos recentes. Esses produtos têm crescido a uma taxa média anual relativamente alta, evidenciando o foco adotado pelo agronegócio norte-americano nas últimas duas décadas.

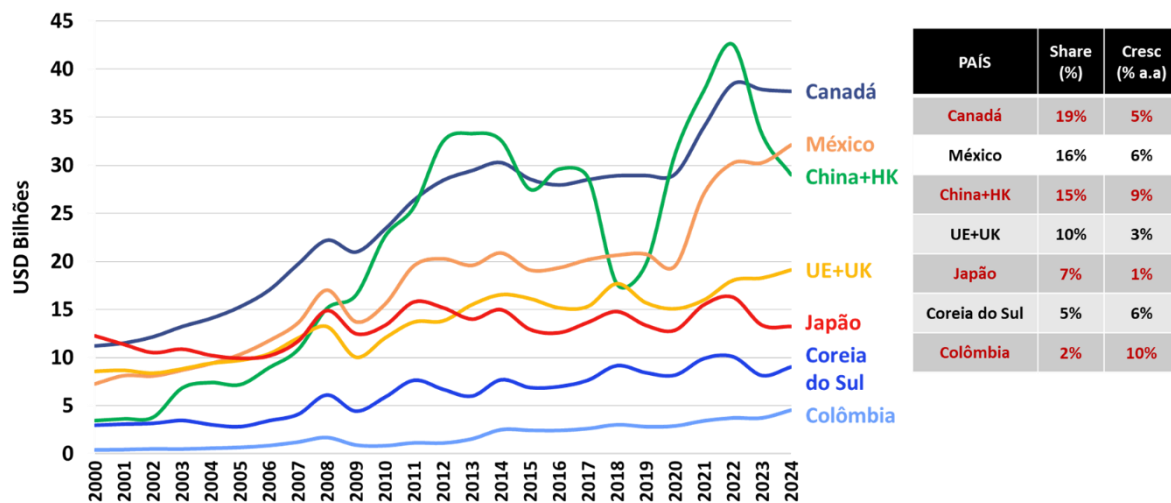
Figura 5: Exportações do Agronegócio dos EUA, em bilhões de dólares correntes, em porcentagem do valor total e em crescimento médio (% a.a), entre 2000 e 2024.



Fonte: elaborado pelo Insper Agro Global com base nos dados do Trade Data Monitor (2024).

Além disso, é importante destacar a diversificação dos destinos das exportações americanas do agronegócio. Os EUA demonstram maior capacidade de atingir mercados distintos por meio de uma pauta exportadora diversificada e com sinergia entre seus produtos. Percebe-se, por essa pequena análise, que os EUA não dependem tanto quanto o Brasil de poucos produtos e destinos, o que torna a balança do agro americano menos sensível a riscos.

Figura 6: Maiores Destinos das Exportações do Agronegócio dos EUA, em bilhões de dólares correntes e em crescimento médio (% a.a), entre 2000 e 2024.



Fonte: elaborado pelo Insper Agro Global com base nos dados do Trade Data Monitor (2024).

Alguns fatores que sustentaram o crescimento das exportações agrícolas norte-americanas merecem destaque: décadas de investimentos em tecnologia de ponta permitiram o desenvolvimento de uma agricultura de precisão e sua adaptação às demandas globais, incluindo o uso de GPS, maquinário mais avançado e, mais recentemente, uso de inteligência artificial. Outro diferencial dos EUA é um sistema financeiro mais capilarizado, que facilita o acesso ao crédito mais barato, bem como os elevados subsídios destinados aos produtores rurais (os EUA são um dos países que mais gastam com subsídios agrícolas, segundo a OCDE⁸). O país também possui uma matriz de transporte mais diversificada e desenvolvida, o que torna o movimento de produtos agrícolas mais eficiente, além de ter uma capacidade de armazenamento mais avançada, permitindo que seus produtos fiquem estocados por mais tempo sem afetar a qualidade.

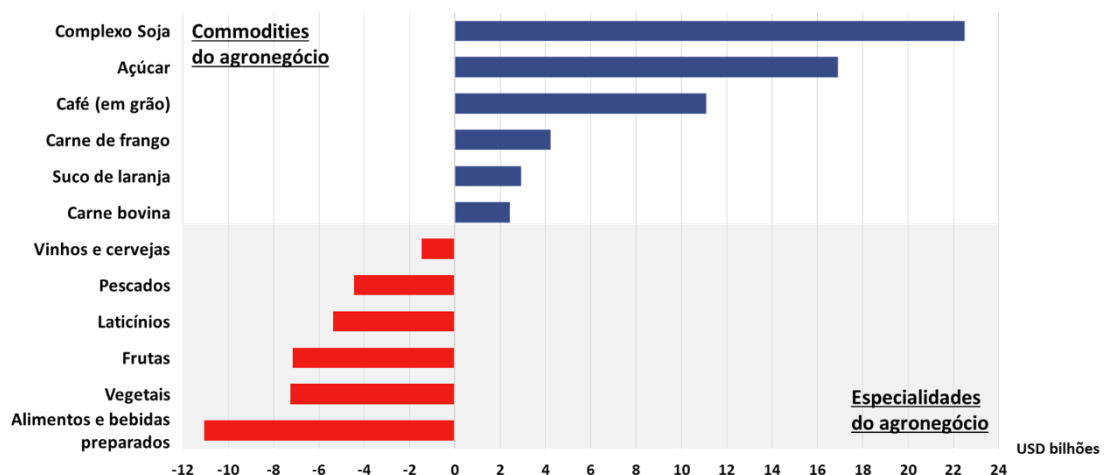
A soja é o produto mais representativo das exportações brasileiras e norte-americanas, com o Brasil liderando esse mercado desde 2012. Atualmente, o Brasil exporta US\$ 42,9 bilhões de grão de soja, enquanto os EUA totalizam US\$ 24,5 bilhões. Essa diferença de US\$ 18,4 bilhões foi impulsionada por extensão áreas agricultáveis, clima favorável e crescimento da eficiência produtiva no Brasil ao longo das últimas décadas. A soja tornou-se um produto estratégico para o Brasil, sendo exportada principalmente para a China, que utiliza a maior parte do grão para ração animal. Nesse mercado, embora concorrentes, Brasil e EUA também desempenham papéis complementares, uma vez que suas colheitas ocorrem em períodos distintos devido às diferenças sazonais entre os hemisférios sul e norte.

As carnes também são estratégicas para o Brasil. As exportações de carne de frango somam US\$ 9,5 bilhões, ante US\$ 5,3 bilhões dos EUA. Recentemente, o Brasil assumiu a liderança global na exportação de carne bovina, ultrapassando os EUA, com um valor de aproximadamente US\$ 12,7 bilhões, ante os US\$ 10,3 bilhões das exportações americanas. A única carne em que o Brasil não supera os EUA é a suína, na qual os embarques em 2023 totalizaram US\$ 3 bilhões, enquanto os

⁸ Ver mais em <https://www.oecd.org/en/data/indicators/agricultural-financial-support.html>

americanos exportaram US\$ 8,4 bilhões. A liderança brasileira nas exportações de carne de frango e bovina é resultado do crescimento da eficiência da cadeia produtiva e do rigor em atender padrões sanitários globais. Além disso, a disponibilidade de grandes áreas de pastagens e a alta produção de milho e farelo de soja, essenciais para a alimentação animal, reforçam a competitividade do Brasil no mercado global.

Figura 7: Diferença entre os valores exportados pelo Brasil e pelos EUA de commodities do agronegócio e especialidades para o mundo, em bilhões de dólares correntes, em 2024.



Fonte: elaborado pelo Insper Agro Global com base nos dados do Trade Data Monitor (2024).

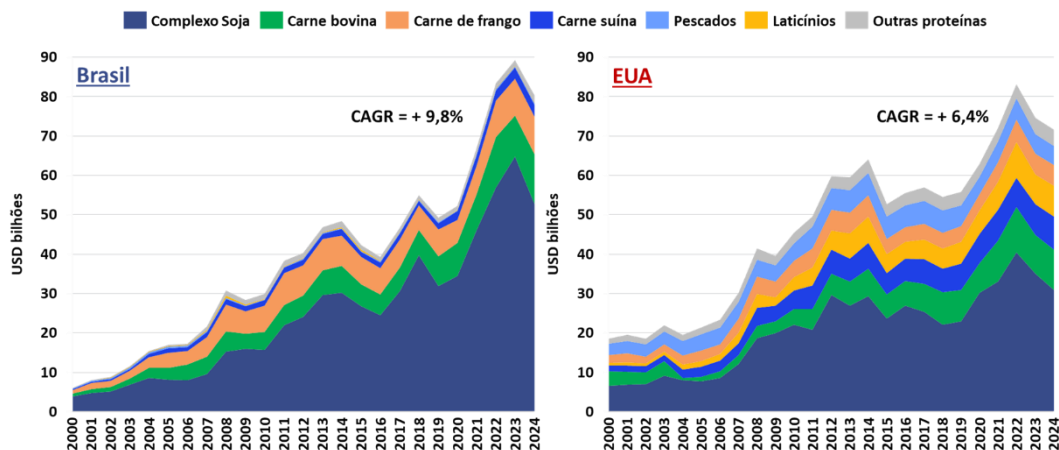
Nota: valores positivos indicam vantagem do Brasil, enquanto valores negativos indicam vantagem dos EUA.

Ao se contabilizar as exportações de proteínas animais e vegetais⁹, fica evidente a vantagem competitiva que o Brasil vem obtendo frente aos EUA no comércio de commodities agroindustriais. Em 2024, o montante dos embarques brasileiros desses alimentos foi de US\$ 80,3 bilhões, enquanto os EUA, segundo maior exportador dessa classe de produtos, exportaram US\$ 71,6 bilhões. Nessa categoria de produtos o país cresce 10% ao ano em valor, superando seus concorrentes, como exposto pela figura 8.

Os EUA dominam produtos com maior valor agregado e em nichos específicos. Alimentos e bebidas preparados representam US\$ 11,8 bilhões em exportações, enquanto o Brasil registra apenas US\$ 756 milhões, evidenciando uma diferença de US\$ 11 bilhões, como apontado na figura 7. Essa liderança americana decorre de um maior investimento em produtos e marcas, elevando a capacidade de agregar valor e diferenciar produtos.

⁹ Para o cálculo de exportações de proteínas animais e vegetais, nesse estudo foram considerados os seguintes produtos:

Figura 8: Exportações de proteínas animais e vegetais dos EUA e do Brasil, em bilhões de dólares correntes e em crescimento médio (% a.a), entre 2000 e 2024.



Fonte: elaborado pelo Insper Agro Global com base nos dados do Trade Data Monitor (2024).

Outro segmento em que os EUA se destacam são as frutas, especialmente na exportação de frutas frescas e seus derivados. As exportações americanas desses alimentos somam US\$ 6,5 bilhões, enquanto o Brasil alcança apenas US\$ 1,1 bilhão (diferença de US\$ 5,4 bilhões). Além disso, os EUA exportaram US\$ 2 bilhões em frutas processadas em 2024, enquanto o Brasil participa desse mercado modestamente com US\$ 196 milhões, refletindo a capacidade americana de industrialização e agregação de valor.

Os EUA têm vantagem na produção de frutas como maçãs, uvas e cítricos, combinando tecnologia avançada no cultivo, sistemas eficientes de pós-colheita e uma logística mais desenvolvida, fatores que garantem acesso contínuo a mercados internacionais. Além disso, o agronegócio americano domina segmentos como sucos processados (exceto suco de laranja), onde suas exportações alcançam US\$ 503 milhões, enquanto o Brasil registra US\$ 248 milhões.

O Brasil se destaca na exportação de frutas tropicais, como manga, melão e laranja. Também lidera as exportações de suco de laranja, com vendas de US\$ 3,3 bilhões, superando amplamente os EUA, que registram apenas US\$ 339 milhões. Esse desempenho reforça a vocação brasileira para o cultivo de frutas de clima tropical e a relevância global do país na indústria de sucos, especialmente no mercado europeu. Contudo, a menor penetração do Brasil em mercados mais competitivos ocorre devido a desafios logísticos, infraestrutura limitada e uma industrialização menos expressiva para produtos derivados de frutas frescas. Além disso, as cadeias produtivas de frutas geralmente enfrentam maiores barreiras comerciais, tanto tarifárias quanto não tarifárias, exigindo um esforço mais ativo do país para ampliar sua participação e conquistar novos mercados.

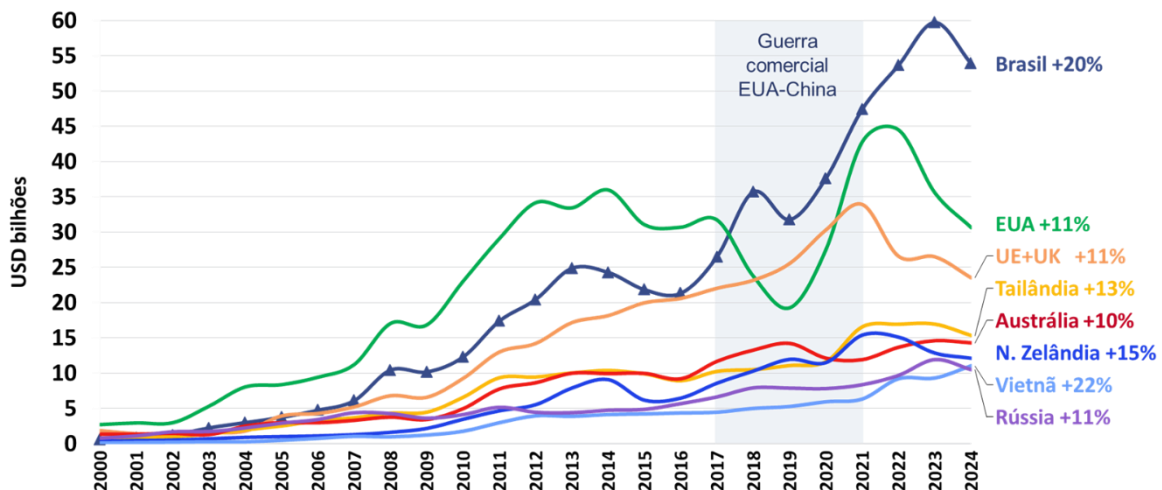
As exportações americanas de pescados somam US\$ 4,9 bilhões, enquanto o Brasil registra apenas US\$ 400 milhões, uma diferença de aproximadamente US\$ 4,5 bilhões. Esse cenário reflete a baixa exploração do potencial aquícola brasileiro no mercado internacional, mesmo com sua vasta extensão costeira e abundantes recursos hídricos. Enquanto os EUA possuem uma indústria pesqueira e aquícola mais estruturada, com alta produtividade, o Brasil ainda enfrenta desafios como infraestrutura deficiente, gargalos logísticos e limitações na certificação sanitária exigida por mercados internacionais.

2. Guerra Comercial entre EUA e China

A guerra comercial entre EUA e China trouxe mudanças significativas ao comércio global, colocando o Brasil em uma posição vantajosa de principal fornecedor de produtos agropecuários para o mercado chinês. Esse evento foi decisivo para que o Brasil alcançasse os EUA e se tornasse o maior exportador de commodities do agronegócio do mundo.

Em 2018, o Brasil conquistou um marco importante ao ultrapassar os EUA na exportação de produtos do agronegócio vendidos para a China, com um total de US\$ 36,7 bilhões, enquanto os norte-americanos exportaram US\$ 23,7 bilhões. Esse avanço foi resultado da decisão estratégica dos chineses de impor tarifas às importações com origem nos EUA de produtos agropecuários em retaliação às tensões comerciais entre as duas potências, criando uma oportunidade para o agronegócio brasileiro.

Figura 9: Importações chinesas de produtos do agronegócio, em bilhões de dólares correntes e em crescimento médio (% a.a), entre 2000 e 2024.



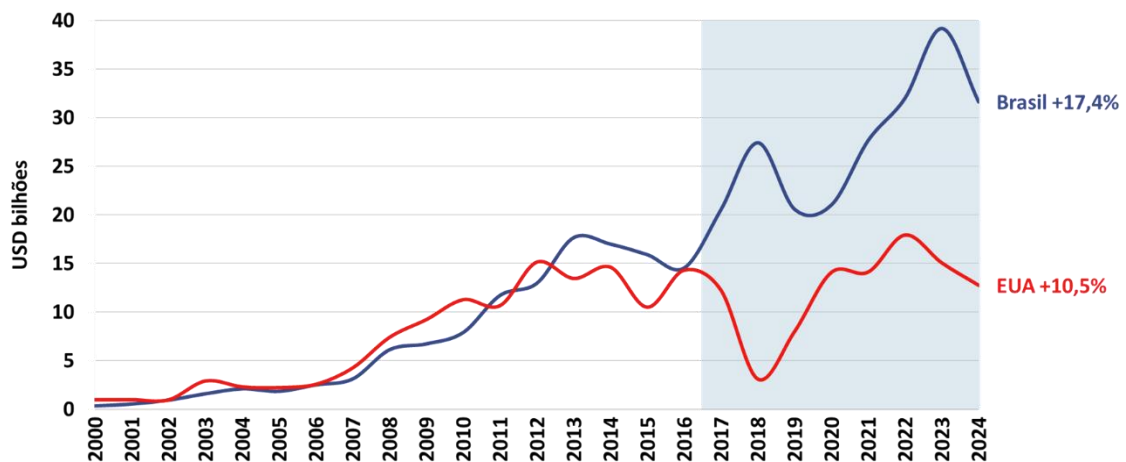
Fonte: elaborado pelo Insper Agro Global com base nos dados do Trade Data Monitor (2024)

Nota: os valores incluem tanto as importações da China e de Hong Kong.

A China tem importado do Brasil principalmente soja em grão e carne bovina *in natura*, consolidando o país como seu principal parceiro no setor agropecuário. O Brasil vem atendendo regras sanitárias chinesas (com destaque para carne oriunda do chamado "Boi China"¹⁰) e crescendo em número de habilitações de frigoríficos aptos para exportar ao país, fortalecendo sua posição como um dos principais fornecedores de carnes para o país asiático. Quanto às exportações de produtos do complexo soja para a China, o Brasil registrou um valor de US\$ 31,6 bilhões, em 2024, com um crescimento anual médio de 17,4% desde 2000, enquanto os EUA exportaram US\$ 12,8 bilhões, um incremento anual de 10,5%, em média, no mesmo período. Como se observa nas figuras 10 e 11, a tarifa de importação de 25% imposta pela China para a soja americana impactou significativamente as exportações dos EUA para o país. Isso abriu espaço para que o agronegócio brasileiro se tornasse o maior fornecedor de commodities agroindustriais para o gigante asiático.

¹⁰ O "Boi China" refere-se ao gado que atende aos requisitos sanitários exigidos pela China, como idade de abate máxima de 30 meses e dieta sem proteína animal.

Figura 10: Exportações do complexo de soja do Brasil e dos EUA para a China, em bilhões de dólares correntes e em crescimento médio (% a.a), entre 2000 e 2024.

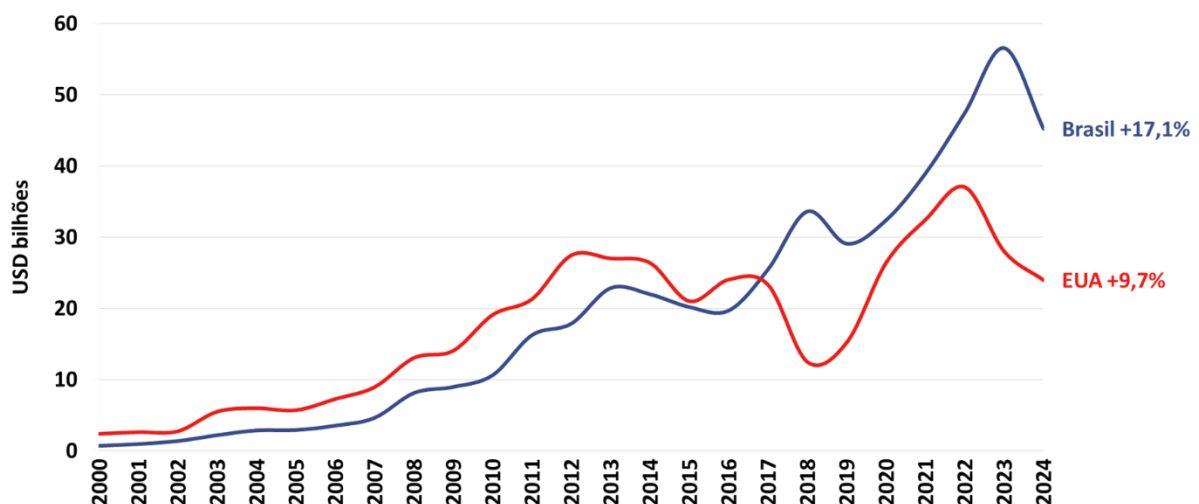


Fonte: elaborado pelo Insper Agro Global com base nos dados do Trade Data Monitor (2024).

Nota: dados de exportações incluem China e Hong Kong.

A guerra comercial foi decisiva não somente para tornar a China o principal destino das exportações totais do agronegócio brasileiro, mas para fazer do Brasil o maior exportador no comércio de commodities do agro. Desde 2018, o Brasil assumiu a liderança como o maior fornecedor desses produtos de menor valor adicionado para os chineses, impulsionado pelo início da guerra comercial entre China e EUA, enquanto os americanos apresentaram uma queda na participação das vendas desses produtos. Grande parte do que o Brasil exporta de commodities do agronegócio tem como destino a China, aproximadamente US\$ 45,3 bilhões, o que representa quase 33% do total, em 2024.

Figura 11: Exportações dos EUA e do Brasil de commodities do agronegócio para China, em bilhões de dólares correntes, entre 2000 e 2024.



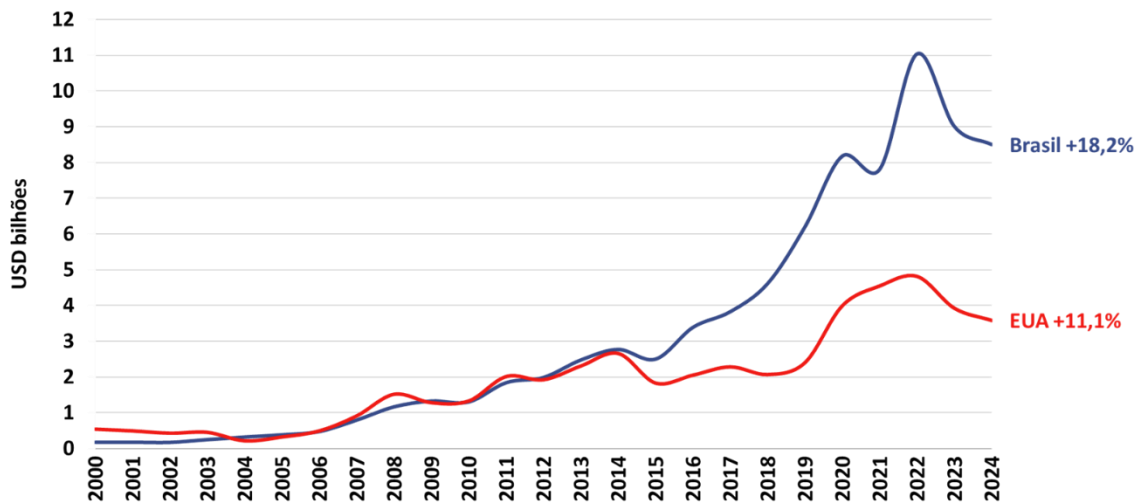
Fonte: elaborado pelo Insper Agro Global com base nos dados do Trade Data Monitor (2024).

Nota: dados de exportações incluem China e Hong Kong.

No entanto, essa dinâmica também acirrou a concorrência entre Brasil e EUA no comércio global de alimentos. Com a retomada parcial das relações comerciais

entre China e Estados Unidos em 2020, por meio da assinatura da Fase 1 do Acordo Comercial, os EUA conseguiram recuperar parte de suas exportações de soja e de carnes, forçando o Brasil a competir em um cenário mais acirrado – mesmo que o acordo não tenha se consolidado conforme as previsões iniciais. Os produtores americanos também receberam incentivos e subsídios do governo para minimizar as perdas e aumentar a competitividade de seus produtos, o que criou uma pressão adicional sobre os exportadores brasileiros.

Figura 12: Exportações dos EUA e do Brasil de carnes para China, em bilhões de dólares correntes, entre 2000 e 2024.



Fonte: elaborado pelo Insper Agro Global com base nos dados do Trade Data Monitor (2024).

Nota: nesse cálculo inclui apenas a carne bovina, a carne suína e a carne de aves. Os números de exportação incluem China e Hong Kong.

A guerra comercial também teve efeitos indiretos, ao intensificar a busca de novos mercados. Enquanto os norte-americanos tentaram diversificar suas exportações para mercados como o Sudeste Asiático (ASEAN) e a União Europeia, o Brasil consolidou-se como grande fornecedor da China e expandiu as suas exportações em países da América Latina e da Ásia. Os EUA deixaram de exportar aproximadamente US\$ 7 bilhões em commodities do agronegócio e US\$ 727 milhões em especialidades de maior valor adicionado para a China em consequência da guerra comercial. Já o Brasil aumentou em US\$ 200 milhões tanto os embarques dessas commodities quanto das especialidades do agronegócio, entre 2017 e 2019. Assim, uma breve análise sobre o impacto do embate comercial entre EUA e China nas exportações totais do agronegócio americano e brasileiro mostra que os norte-americanos perderam US\$ 3,76 bilhões, enquanto o Brasil ganhou ligeiramente US\$ 0,03 bilhões, mas fortaleceu seus laços comerciais com os chineses.

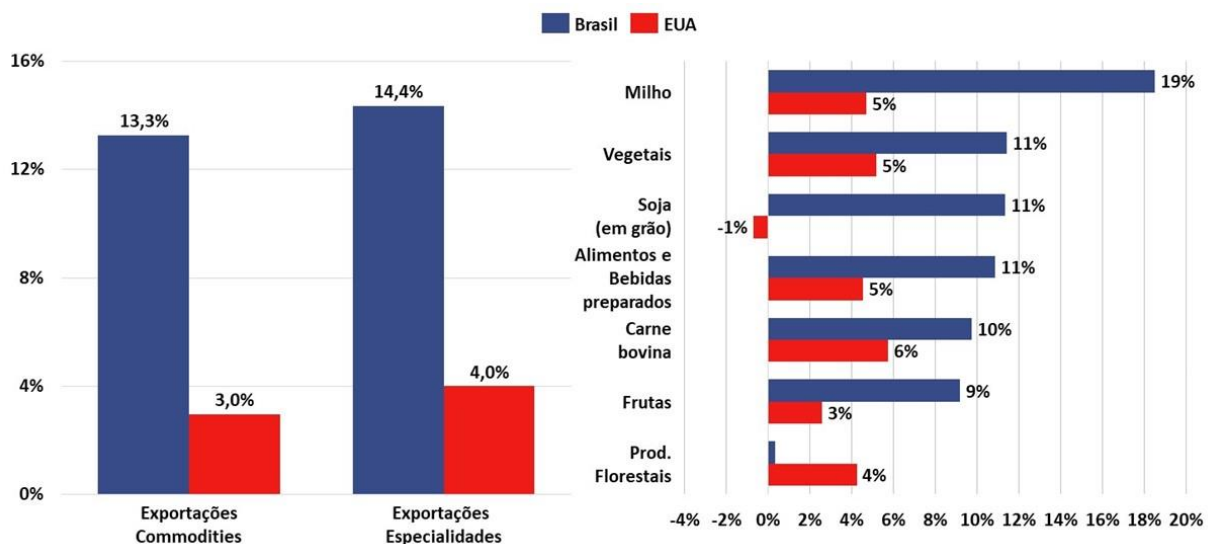
A guerra comercial entre EUA e China foi um fator determinante para o Brasil assumir a posição de fornecedor de commodities do agronegócio para o gigante asiático, mas foi o período pós-pandemia que consolidou esse movimento. Com o aumento da demanda global por alimentos e a resiliência do agronegócio brasileiro no período, o país confirmou sua posição como fornecedor regular de commodities agropecuárias.

3. Pós-Pandemia

O período pós-pandemia trouxe rupturas significativas nas cadeias globais de suprimentos, elevando os preços de alimentos e commodities energéticas. A combinação de elevação de gastos e políticas para manutenção da renda no período de emergência, que impulsionaram a demanda, com gargalos logísticos e produtivos persistentes resultou em uma alta da inflação global, aumentando os custos de produção e intensificando preocupações com a segurança alimentar em vários países. A situação se agravou com a guerra entre Rússia e Ucrânia, que impactou os mercados de grãos e fertilizantes, dado o papel central desses países na exportação de trigo, milho e insumos agrícolas essenciais.

Esse cenário gerou um ambiente de volatilidade e incerteza, mas também abriu oportunidades para países com forte presença no mercado de commodities, que tiveram seus preços elevados. O Brasil, em particular, pôde capitalizar esse momento e consolidou sua posição como o maior exportador mundial de commodities do agro, ampliando sua participação nos mercados globais.

Figura 13: Crescimento médio das exportações de commodities e de especialidades do agro dos EUA e do Brasil, em porcentagem anual, entre 2020 e 2024.



Fonte: elaborado pelo Insper Agro Global com base nos dados do Trade Data Monitor.

Com o conflito no Leste Europeu, as exportações de grãos, especialmente de milho e trigo, foram severamente afetadas, gerando um déficit de oferta no mercado internacional. O Brasil, com grande capacidade produtiva e infraestrutura em evolução, posicionou-se como uma alternativa viável para suprir parte dessa lacuna. As exportações brasileiras de milho, por exemplo, cresceram significativamente, com a China abrindo seu mercado para o produto brasileiro em 2022, fortalecendo ainda mais a relação comercial entre os dois países. Paralelamente, o aumento dos preços internacionais impulsionou a rentabilidade das commodities agrícolas brasileiras.

Além dos grãos, a soja, principal commodity exportada pelo Brasil, manteve sua posição central no comércio global. A China, maior consumidora mundial do produto, intensificou suas importações para recompor estoques e atender à crescente demanda por ração animal, em um momento em que a oferta global estava restrita pelos efeitos da guerra e pela quebra de safras em outros países. O Brasil garantiu o

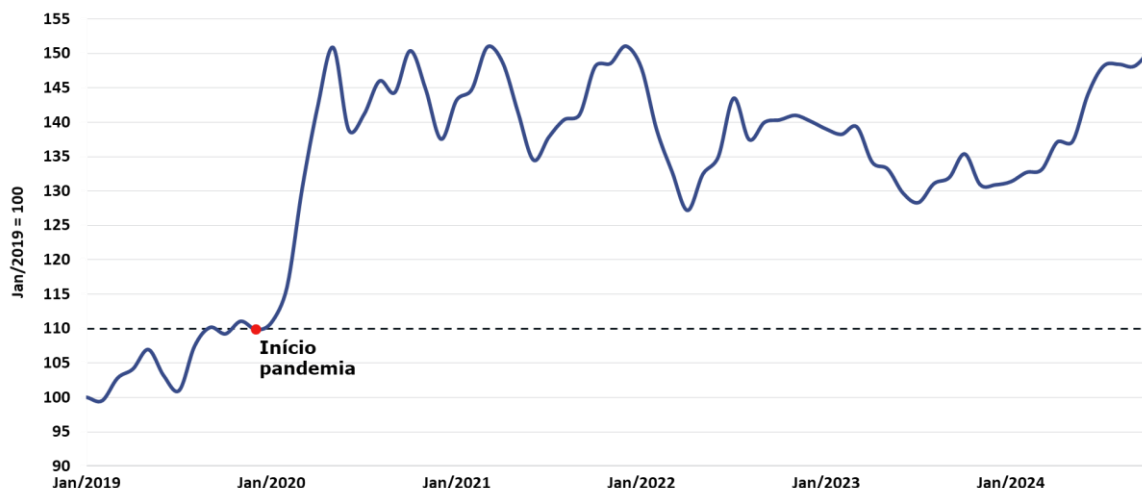
fornecimento necessário, consolidando-se como o principal exportador mundial desse grão.

No setor de carnes, o Brasil também aproveitou o cenário pós-pandemia e os efeitos da guerra para ampliar sua participação no mercado global. A crise da Peste Suína Africana continuou afetando o abastecimento de proteínas na China, enquanto a guerra na Ucrânia impactou as exportações de carne de países do Leste Europeu. O Brasil, com sua produção eficiente e atendimento às normas sanitárias do país, consolidou-se como o maior exportador mundial de carne bovina e de frango, expandindo suas vendas não apenas para a China, mas também para mercados no Oriente Médio, Sudeste Asiático e América Latina.

Embora os EUA também tenham se beneficiado dos eventos ocorridos no pós-pandemia, o agronegócio brasileiro conseguiu exportar mais do que o seu concorrente nesse período. Enquanto o Brasil aumentou suas exportações de commodities do agro a um ritmo médio anual de 13,3%, os EUA apresentaram uma taxa de crescimento um pouco menor do que um quarto da brasileira, de 3% ao ano, entre 2020 e 2024. Importante destacar que o mesmo valeu para as especialidades de maior valor agregado, nas quais os EUA possuem grande vantagem sobre o Brasil. O agronegócio brasileiro aumentou suas exportações de especialidades a um ritmo de 14,4% ao ano, enquanto o americano apenas 4% anualmente, desde 2020.

Um fator relevante para o bom desempenho do Brasil em relação aos EUA no pós-pandemia também foi a desvalorização cambial. O real se desvalorizou muito durante esse período, tornando os produtos brasileiros mais competitivos no mercado internacional, principalmente no setor agrícola. Em maio de 2020, durante a pandemia, o dólar alcançou seu valor mais alto até então, atingindo R\$ 5,85, e permaneceu próximo a esse patamar até o final de 2022, sem retornar ao patamar pré-pandemia, como exposto na figura 17. Esse fator impulsionou a demanda de outros países por commodities do agronegócio brasileiras, principalmente da China, que intensificou suas compras em um cenário de escassez de suprimentos e aumento de preços globais, ainda que os custos ao setor tenham se elevado por conta do mesmo processo – o Brasil ainda tem grande dependência de insumos importados.

Figura 14: Evolução mensal da taxa de câmbio (US\$/R\$), entre janeiro/2019 e outubro/2024, em índice base 100 = Jan/2019.



Fonte: elaborado pelo Insper Agro Global com base nos dados do Banco Central (2024).

O Brasil também experimentou um crescimento significativo na produção agrícola no mesmo período. Principalmente a de grãos, como milho e soja, que aumentou 9,3% e 5,6% ao ano, respectivamente, desde 2020. Aliado a preços das commodities do agronegócio mais altos e ao real mais desvalorizado, isso se traduziu em maiores receitas para o produtor. Esses fatores proporcionaram ao setor maior capacidade de lidar com as adversidades ocorridas no pós-pandemia.

Outro fator relevante foi a questão climática. Enquanto outros grandes produtores, como os EUA e a Argentina, enfrentaram adversidades climáticas como secas e geadas, o Brasil conseguiu manter uma produção estável e até aumentou suas safras, especialmente as de soja e milho. Isso conferiu uma vantagem competitiva, pois o país foi capaz de suprir a demanda crescente de mercados-chave, a exemplo da China, que se tornou ainda mais dependente das importações brasileiras devido às dificuldades enfrentadas pelos concorrentes do Brasil.

O Brasil soube transformar as disrupções do pós-pandemia e os efeitos da guerra na Europa em oportunidades estratégicas para o seu agronegócio. A combinação de alta demanda global, preços favoráveis, adaptação tecnológica e resiliência produtiva permitiu ao país consolidar-se como o maior exportador mundial de commodities do agronegócio. O período pós-pandêmico reforçou o papel do Brasil como um dos pilares do abastecimento global de alimentos e evidenciou a capacidade do país de atender às necessidades de segurança alimentar em um mundo cada vez mais instável e competitivo.

4. Perspectivas para o futuro

O Brasil deve continuar expandindo sua presença no mercado de commodities agroindustriais e agropecuárias, impulsionado por safras recordes e pela crescente demanda de países emergentes, especialmente no Oriente Médio e Sudeste Asiático. No entanto, desafios estruturais persistem, como a necessidade de agregar valor aos produtos e diversificar mercados para reduzir a dependência de poucos parceiros comerciais. Nos Estados Unidos, a tendência aponta para uma estabilização das exportações, com maior foco em especialidades agrícolas e alimentos processados, setores onde já possuem uma posição consolidada.

As dinâmicas geopolíticas influenciarão significativamente o desempenho do agronegócio brasileiro e americano. O Brasil pode se beneficiar de tensões comerciais entre os EUA e países como China e Canadá, redirecionando parte da demanda global para sua produção agrícola. Entretanto, o impacto pode ser menor do que na primeira fase da guerra comercial sino-americana, pois a China busca evitar uma dependência excessiva do agronegócio brasileiro, que já representa 22% de suas importações do setor. Além disso, os EUA devem utilizar tarifas retaliatórias mais como ferramenta de negociação do que como medidas definitivas, como evidenciado pela recente suspensão de tarifas ao México e Canadá.

Diante desse cenário, investir em infraestrutura e remover barreiras comerciais será essencial para ampliar o acesso a novos mercados. O Acordo UE-Mercosul, assinado em dezembro do ano passado, representa uma oportunidade estratégica para o Brasil diversificar suas exportações e não depender exclusivamente de tensões comerciais para impulsionar suas vendas. A volatilidade geopolítica continuará sendo um fator determinante no comércio internacional, tornando a segurança alimentar

ainda mais relevante, especialmente nos países emergentes que buscam reduzir sua exposição a conflitos internacionais.

Nesse contexto, o Brasil tem potencial para ampliar sua participação global, conforme indicam projeções do USDA: até 2034, o país deverá se consolidar como o maior exportador de milho do mundo, com vendas estimadas em 77,5 milhões de toneladas, superando os 63,5 milhões de toneladas projetadas para os EUA. Além disso, produtos como carne bovina e frango brasileiros devem expandir ainda mais sua inserção no mercado internacional.

As perspectivas de longo prazo são favoráveis ao agronegócio brasileiro, mas exigem planejamento estratégico para consolidar sua liderança global. O crescimento sustentável dependerá da continuidade de safras expressivas, do aumento da demanda global e da capacidade de diversificar mercados, agregar valor aos produtos e fortalecer a infraestrutura logística. Além disso, a resiliência frente a choques exógenos, como oscilações cambiais, barreiras comerciais e mudanças climáticas, será crucial para manter a competitividade. Se bem-sucedido, o Brasil poderá consolidar ainda mais a sua posição como maior exportador mundial de commodities.

Referências

Banco Central Do Brasil. Séries Temporais. Disponível em: <https://www3.bcb.gov.br/sqspub/localizarseries/localizarSeries.do?method=prepararTelaLocalizarSeries>. Acesso em: 12 fev. 2025.

Organisation For Economic Co-Operation And Development. Agricultural Financial Support. Disponível em: <https://www.oecd.org/en/data/indicators/agricultural-financial-support.html>. Acesso em: 12 fev. 2025.

Trade Data Monitor. Disponível em: <https://tradedatamonitor.com/>. Acesso em: 12 fev. 2025.

United States Department Of Agriculture (USDA). Baseline Projections. Disponível em: <https://www.usda.gov/about-usda/general-information/staff-offices/office-chief-economist/commodity-markets/baseline-projections>. Acesso em: 12 fev. 2025.

PADILLA, Samantha; UFER, Danielle J.; MORGAN, Stephen; LINK, Noah. *U.S. Export Competitiveness in Select Crop Markets*. Washington, D.C.: United States Department of Agriculture, Economic Research Service, 2023. (Economic Research Report, n. 313). Disponível em: <http://ageconsearch.umn.edu>. Acesso em: 12 fev. 2025.

REED, Michael R. *International Trade in Agricultural Products*. [S.l.]: Pearson Education, Inc., [data de publicação]. Disponível em: <https://www.pearson.com>. Acesso em: 12 fev. 2025.

VALDÉS, Constanza; HJORT, Kim; SEELEY, Ralph. **Brazil's Agricultural Competitiveness: Recent Growth and Future Impacts Under Currency Depreciation and Changing Macroeconomic Conditions**. Washington, D.C.: United States Department of Agriculture, Economic Research Service, 2020. (Economic

Research Report, n. 276). Disponível em: <https://www.ers.usda.gov>. Acesso em: 12 fev. 2025.

Publicação: 12 de fevereiro de 2025

Expediente

INSPER – Centro de Agronegócio Global

Coordenação Geral

Marcos Sawaya Jank

Pesquisadores

Gabriela Mota

Cinthia Cabral da Costa (Embrapa Instrumentação)

Lirya Pioli

Victor Martins Cardoso

Leandro Gilio*

Luiz Arthur Chiodi

Apoiadores institucionais



BBA



Contato

*leandrog3@insper.edu.br